



O PAPEL DOS CURSINHOS POPULARES NOS ACESSOS E MUDANÇAS DE PERSPECTIVAS DE SEUS PARTICIPANTES

Danilo Seithi Kato¹

RESUMO: O presente texto tem o intuito de discutir o papel dos chamados cursinhos populares ou comunitários com relação aos aspectos dos mecanismos de acesso aos espaços e oportunidades assimilados pelos grupos sociais hegemônicos. Outro objetivo é a descrição das principais características desses grupos sociais de acordo as categorias de capital social, capital cultural e *habitus* criadas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). Além de apresentar dados coletados sobre os diferentes grupos do Estado de São Paulo, tais como, nome, localização e instituição a que estão ligados; optou-se por discutir com maior profundidade as características identitárias de onze destes cursinhos, chamados nesse texto de núcleos. Essa escolha deu-se por conta dos registros de participação destes núcleos durante sete anos de encontros no evento chamado Fórum dos Cursinhos Populares de Ribeirão Preto e região, desde o ano de 2004. A discussão desses núcleos como espaços privilegiados na configuração de um capital social e de acesso ao capital cultural na sociedade de classes converge em uma descrição ainda mais focada em dois desses núcleos por apresentarem características, metodologias e fundamentos que possibilitam conclusões sobre a importância desses espaços para a mudança de perspectiva na vida de trabalhadores que participam desses grupos.

Palavras-chave: Cursinho. Popular. Capital social. Capital cultural.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the role of popular or communitarian schools in relation to the mechanisms of access to spaces and opportunities assimilated by the hegemonic social groups. Another objective is the description of the main features of these social groups under the categories of “social capital”, “cultural capital” and *habitus* created by the sociologist Pierre Bourdieu (1930-2002). In addition to presenting data collected on different groups of São Paulo, such as name, location and institution to which they are linked, we chose to discuss in greater detail the characteristics of identity of eleven of these “popular schools”, also called *núcleos* in this text. This choice has been made in relation to the records of participation of these groups during seven years of meetings (since 2004) at an event called *Forum of Popular “Cursinhos” from Ribeirão Preto region*. The discussion of these *núcleos* as privileged spaces in the configuration of “social capital” and access to “cultural capital” in a class society converges on a more focused description on two of those *núcleos* due to their characteristics, methodologies, and fundamentals that allow some conclusions about the importance of these spaces in the change of perspective in the lives of workers who participate in these groups.

Keywords: School. Popular. Social capital. Cultural capital.

¹ Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Educação pela USP. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – campus de Araraquara. Educador junto ao Departamento de Biologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Universidade de São Paulo – USP).



Introdução

O presente texto busca tecer as características fundamentais dos projetos sociais denominados “cursinhos populares ou comunitários” com base nas características conjecturais dos sistemas de ensino e da sociedade, bem como a partir das características formativas de alguns desses grupos, chamados neste texto de “núcleos”. A idéia é discutir aspectos dos mecanismos de acesso por meio da ocupação de espaços e conquista de mecanismos restritos a uma fração de classe.

Segundo Bourdieu (1979) a escola conservadora possui métodos e mecanismos de reprodução de uma condição social historicamente construída e mantida ideologicamente por meio de relações entre dominantes e dominados na sociedade de classes. A educação metódica, sistematizada por métodos preconcebidos e homogeneizantes, promove uma “impressão de aprendizado” no aluno, mas na verdade dirigem o sentido do acesso (cultural, social, político e principalmente econômico) disponível às diferentes frações de classe. A diferença entre a escola pública e a escola privada, nesse texto, não passa por uma discussão da comparação da qualidade do ensino, mas sim na objetivação do acesso a espaços, como o da Universidade pública ou inserção no mundo do trabalho operário, por meio de ferramentas ideológicas tais como processos seletivos, o currículo formal, projeto político pedagógicos, formação de professores, materiais didáticos entre outros.

A intenção aqui é caracterizar os chamados “cursinhos populares” e indicar o seu papel no acesso às condições sociais, culturais e econômicas, disponíveis à classe hegemônica atual, pela fração de classe dos trabalhadores. Descreve também as principais características desses grupos sociais de acordo com algumas categorias criadas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). A idéia central é caracterizar as relações e dispositivos intrínsecos a esses núcleos e as relações entre capital social, econômico e cultural no interior dos grupos de cursinhos populares.



O contexto educacional do surgimento dos cursinhos populares

O acesso à Universidade pública e suas relações com o ensino básico privado e público devem passar por uma discussão política e ideológica. A manutenção da estrutura social, que para Bordieu (1979) implica na conjuntura econômica, social e política, exigem que as frações de classe hegemônicas não estejam no mesmo espaço educacional que a fração de classe dominada distinguindo o público das escolas públicas e privadas e evidenciando tais mecanismos ideológicos de distinção das frações de classes. Esse isolamento implica em uma diferenciação não só do capital cultural, mas também no capital social de cada grupo, os quais são responsáveis pelo distanciamento entre classes sociais, não só pelo estado objetivado das intenções e estratégias no jogo social, mas também pela composição do *habitus* que dirige as formas de disposições das atitudes e modos de vida do sujeito na sociedade. A ocupação das instituições de ensino está intimamente ligada a um projeto de sociedade desigual no sentido político, social e econômico. Tal projeto deve ser assimilado e naturalizado pelo cidadão que ocupa determinadas posições e essa conformidade configura-se no seu cotidiano, em suas práticas diárias e formas de encarar a própria vida. O *habitus*, portanto é fruto de uma série de dispositivos legítimos e ilegítimos que transforma o sentido do jogo social incorporado pelo sujeito em algo natural, automático (BOURDIEU, 1990). Essas disposições regradas geram condutas regulares que mantêm uma posição e comportamento social fundamentais à reprodução das superestruturas do sistema de produção vigente em que a diferenciação dos locais a serem ocupados ocorre também pelos dispositivos ideológicos materializados nos espaços físicos e relações desempenhadas pelos atores sociais, tal como ocorre na questão do acesso às Universidades (vestibulares) e as instituições escolares que preparam ou não preparam para tal crivo.

Dessa forma, é imprescindível que sejam estabelecidos mecanismos de constituição desse *habitus* a partir das vivências e acessos ao processo formativo de forma distinta a cada jovem. Afinal, a manutenção do *status quo* de cada família ou grupo hegemônico podem ocorrer de forma alienada ao próprio dominador, muitas vezes por mecanismos de



trocas simbólicas que regem e compõem as delimitações de cada grupo social transmitidas de geração em geração por essa forma de viver e agir que Bordieu define como *habitus*. O ensino médio da escola pública parece ser encarado por muitos como uma instituição que não prepara adequadamente para os grandes vestibulares impossibilitando que seus alunos possam participar da seleção, já a escola particular e os cursinhos pré-vestibulares pagos são vistos, em nossa sociedade, como instituições apropriadas para promover a aprovação do estudante. Essas afirmações parecem tão naturalizadas e estabelecidas ao longo do tempo, que grande parte dos estudantes da escola pública não se inscreve para concorrer a vagas na Universidade pública, não se arriscam. Medidas governamentais tais como o sistema de cotas para alunos de escolas públicas do ensino básico evidenciam a preocupação com o reduzido número desses estudantes que ingressam nas principais Universidades.

Os espaços alternativos, não-formais de ensino tal como o chamado “cursinho popular” pode representar um espaço privilegiado para o acesso a esse processo formativo e as vivências acessíveis apenas à determinada classe hegemônica. Isso porque os professores voluntários podem compartilhar experiências inacessíveis em outros espaços por esses cidadãos. O contato dos estudantes desses núcleos com universitários, pós-graduandos e até mesmo docentes das Universidades constitui um ambiente rico em vivências, e trocas de idéias que aproxima o trabalhador da realidade acadêmica e do sonho de obter um título de ensino superior.

Há uma regularidade no processo formativo dos jovens, àqueles que têm o capital econômico podem financiar os estudos dos filhos em instituições competentes para a realização das provas de vestibulares e àqueles desprovidos de tal capital tem que se contentar com um ensino público que ofereça melhoria nas condições trabalhistas dos seus filhos. É comum estudantes justificarem sua permanência na escola para “*ser alguém na vida*” como se o processo educativo estivesse unicamente a serviço de uma colocação no mercado de trabalho e às condições salariais. A idéia também parece considerar o ser intimamente ligado à formação profissional e aos espaços formativos.



Apesar de algumas divergências, é fato que o número de ingressantes nas grandes Universidades públicas é em sua maioria proveniente do ensino particular. O sistema de cotas facilita o ingresso dos estudantes de escola pública, porém o grande problema encontra-se, como colocado anteriormente, na questão do sentimento de pertença, de direitos e de conhecimento por parte desses alunos com relação aos dispositivos legais de ingresso e permanência na Universidade.

Os cursinhos populares surgem como núcleos informais constituídos por grupos de pessoas, que em sua maioria já passaram pelo crivo do acesso à Universidade, e que se mobilizam para aproximar o abismo existente entre os processos formativos descritos anteriormente e o acesso as Universidades públicas. São espaços constituídos com diversas peculiaridades devido às adversidades de condições de existência e ao público alvo, muitas vezes bastante heterogêneo (idade, escolaridade, condições sócio-econômicas, etc), tais peculiaridades compõem características identitárias próprias a cada grupo social, apesar de manterem metodologias e dispositivos comuns por conta do objetivo maior: aprovação nos vestibulares.

Caracterização dos cursinhos populares

Os cursinhos pré-vestibulares denominados “populares” ou “comunitários” surgem em geral com o intuito de democratizar o acesso à Universidade pública. No Estado de São Paulo foram identificados 68 núcleos de cursinhos populares. Esse mapeamento ocorreu de forma preliminar em encontros, tais como o FÓRUM DOS CURSINHOS POPULARES DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO que ocorreu em sete edições anuais e que reúne os diversos núcleos que se autodenominam “populares” ou “comunitários” e compartilham objetivos e características apesar de possuírem diferença e identidades diversas (tabela 1). A tabela não representa a totalidade de cursinhos populares existente no Estado de São Paulo, mas sim um primeiro levantamento. Não foi possível também visitar e retratar as características de todos os núcleos listados na tabela 1, contudo grande parte deles foi estudado ao longo de 10 anos de vivências em encontros e visitas a vários deles por parte



dos autores desse texto. O foco de análise e a caracterização realizada neste artigo restringem-se principalmente aos núcleos que participam do Fórum dos cursinhos populares de Ribeirão Preto e região por ser um espaço facilitador de coleta destes dados. Portanto são investigados de forma mais aproximada 11 núcleos entre eles: Conexão, NAV, CAPE, CAP, PEIC, Geraldo Amor Spin do Ribeirão Verde todos de Ribeirão Preto; SEU e Champanhat de Franca; Ativo de Jaboticabal; Progressão de Brodowski; e o único de outro Estado (por isso não foi incluso na tabela) núcleo comunitário Décio de Andrade de Passos – MG.

Estes grupos possuem como característica básica a não remuneração dos professores que atuam nos núcleos, com exceção de alguns grupos que possuem apenas ajuda com os custos de transporte e materiais didáticos ou então bolsas cedidas por universidades e iniciativas privadas. Os professores têm como perfil serem em sua maioria estudantes de graduação e pós-graduação, há ainda os professores de ensino básico ou superiores e profissionais liberais que também compõem esses cursinhos. Outra característica que define um “cursinho popular” é a seleção de alunos, a qual leva em conta a condição sócio-econômica desfavorável e muitos deles exigem a comprovação de renda dos candidatos e ainda de que são trabalhadores assalariados.

O processo seletivo de alunos conta geralmente com uma prova de conhecimentos gerais, muitas vezes muito semelhante ao formato de vestibulares renomados, pautados em testes e conceitos específicos; bem como uma análise sócio econômica das rendas familiares e gastos mensais, alguns núcleos fazem visitas às residências para comprovar a condição de vida do candidato; além disso em muitos cursinhos populares há ainda uma entrevista dos candidatos com professores e/ou alunos veteranos que estão no projeto a mais tempo.

Há também experiências que diferem do padrão anterior, como por exemplo, o processo seletivo do grupo CONEXÃO dividido em quatro fases: 1) inscrição e entrega de documentos comprobatórios da situação de baixa renda e conclusão do ensino médio; 2) prova com enfoque em habilidades e competências requeridas no ensino básico, com exercício de lógica, interpretação de dados e escritos em um formato não restrito a testes



como nos vestibulares; 3) Dinâmica em grupo com o intuito de verificar a capacidade de trabalhar em grupo, aceitar novas propostas e outras características requeridas neste grupo; 4) Entrevista com cada candidato objetivando identificar interesses e a necessidade da vaga para cada estudante; e por fim os alunos mais antigos no grupo preparam uma dramatização para apresentar aos candidatos, cujo intuito é transmitir algumas características da identidade coletiva para que os candidatos possam conhecer e assim possam fazer sua escolha pela permanência no grupo.

O processo seletivo, de modo geral parece não só garantir o público e os mecanismos de entrada no grupo, mas também uma identidade coletiva estabelecida por um capital social com suas particularidades. É notável, por exemplo, que a participação de professores e alunos veteranos nesse processo de seleção configura-se como um ritual de legitimação do grupo social em questão, pois, nesse evento, há uma horizontalização das relações entre professor e aluno e um reconhecimento e identificação dos pares por conta da criação conjunta de critérios para delimitar mecanismos de entrada para essa rede social. Assim, cada membro do grupo encontra-se instituído como guardião dos limites do grupo e geralmente há uma divisão de funções na diretoria e administração do núcleo, alguns professores são tesoureiros, outros secretários, outros cuidam do patrimônio, etc. Assim como os alunos podem desempenhar funções representativas e são munidos de poder de voto decisório para as ações a serem tomadas pelo grupo (alguns cursinhos populares possuem o mecanismo de “assembleia geral” em que professores e alunos tem poder de voto e uma pauta para ser discutida por todos). A regularidade dessas “assembleias” ou “reuniões deliberativas” varia de acordo com as características de cada núcleo. Bourdieu (1979) retrata a importância das diversas estratégias de investimento para constituir redes de ligações sociais, tal como ocorrem nestes processos seletivos, são essas estratégias que garantem a manutenção e o capital social de um grupo. Para esse autor, capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento ou em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes



que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1999).

A ausência de capital econômico nesses núcleos também constitui uma regularidade, geralmente ocupam espaços físicos cedidos (Universidades, igrejas, centros comunitários, patrimônios históricos, ONGs, etc) e são geridos por meio de doações e contribuições que garantem o funcionamento desses cursinhos populares. Essa condição permite a criação de uma série de ocasiões, rituais e eventos que implicam em uma delimitação das características e identificação do capital social do grupo. Por exemplo, festas beneficentes para arrecadação de recursos financeiros, pedágios para arrecadar doações, rifas, semanas culturais e/ou científicas, fóruns entre outros são muito comuns e promovem uma participação e sentimento de pertença que faz com que muitos valorizem esse capital social muito mais que os próprios conteúdos científicos transmitidos nas salas de aulas. É comum verificar a confecção de camisetas com o nome do núcleo em questão e identificar o uso dessa roupa até mesmo em espaços de sociabilização (shopping, festas, eventos em geral), ao contrário do tradicional “uniforme escolar” rejeitado pelos jovens estudantes nas unidades escolares. Essas são características que configuram um capital social valorizado por cada membro do grupo por conta das situações vivenciadas e a reprodução do capital social a partir do controle das trocas simbólicas (legítimas/ilegítimas) em jogo a cada ação de novos membros do grupo, por exemplo, o papel dos estudantes mais velhos denominados “veteranos” é bem delimitado em grande parte dos núcleos e ocupam um papel essencial de inserção de novos membros no grupo a partir de comportamentos e posições transmitidas pelos integrantes de cada turma aos novos colegas ingressantes (BOURDIEU, 1979). Dessa forma, gera comportamentos específicos e a formação de uma identidade coletiva transmitida e mantida pelas próprias relações estabelecidas entre os pares de cada núcleo.

TABELA 1 – Nome, Sede, município e responsáveis pelos cursinhos populares identificados de forma preliminar. Fonte: Projeto Herbert de Souza modificado por KATO, 2010.²

² A tabela 1 encontra-se incompleta pela dificuldade em concentrar dados dos cursinhos populares por não haver fontes confiáveis de cadastros e estudos sobre esses projetos. Esses dados foram coletados em



Nome completo do Grupo	Sigla ou nome fantasia	Sede e/ou município
Associação Avante Ensino Pré-vestibular Alternativo	Cursinho Avante	
ASSOCIAÇÃO MAIS GENTE	Cursinho comunitário enterusp	Itapecerica da Serra-SP
CAGEO - Cursinho Alternativo do Curso de Geografia	CAGEO - Cursinho Alternativo do Curso de Geografia	
CAPE (Centro de Apoio Popular Estudantil)	Cursinho CAPE	Espaço do Colégio Santa Úrsula – Ribeirão Preto/SP
CAUM (Cursinho Alternativo da UNESP de Marília)	CAUM	UNESP de Marília
CAVJ -	CAVJ -	
Centro de Apoio Popular e Estudantil	CAPE	Catanduva
Círculo de Ação Popular	CAP	Associação de Moradores do Quintino I – Ribeirão Preto/SP
Crusp	Cursinho Crusp	USP-SP
Cursinho 11 de Agosto	Cursinho 11 de Agosto	
Cursinho 180 graus	Cursinho 180 graus	
Cursinho Alternativo	Cursinho Alternativo	
Cursinho APROVE (Associação de Professores para o Vestibular)	Cursinho APROVE (Associação de Professores para o Vestibular)	
Cursinho Ativo	Cursinho Ativo	UNESP - Jaboticabal

encontros, principalmente do VII FÓRUM DOS CURSINHOS POPULARES DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO por representantes do projeto Herbert de Souza.



Cursinho Caiçara	Cursinho Caiçara	
Cursinho comunitário Champanhat	Cursinho comunitário Champanhat	Escola pública – Franca/SP
Cursinho Comunitário Paulo Freire	Cursinho Comunitário Paulo Freire	Escola pública – Sertãozinho/SP
Cursinho Comunitário Pimentas	Núcleo Marcos Freire	
Cursinho Comunitário Pimentas	Núcleo Alvorada	
Cursinho da FMRP	Cursinho da Medicina	USP-RP
Cursinho da Unifesp	Cursinho da Unifesp	USP -SP
Cursinho Desafio	Cursinho Desafio	
Cursinho Fatec Afro (20 de Novembro)	Cursinho Fatec Afro (20 de Novembro)	
Cursinho Favela Ferradura Mirim	Cursinho Favela Ferradura Mirim	
Cursinho FEA-USP	Cursinho Expansão	USP-RP
Cursinho Henfil	Cursinho Henfil	Campinas
Cursinho Ideal	Cursinho Ideal	
Cursinho Metamorfose	Cursinho Metamorfose	UNESP
Cursinho Milton SANTos	Cursinho Milton SANTos	
Cursinho popular da Odontologia	Cursinho da Odonto	USP-RP
Cursinho popular do Cônego Barros	Cursinho popular do Cônego Barros	Escola pública Cônego Barros-Ribeirão Preto/SP
Cursinho popular do Otoniel Mota	Cursinho popular do Otoniel Mota	Escola pública Otoniel Mota – Ribeirão Preto/SP
Cursinho popular do Ribeirão Verde	Cursinho popular do Ribeirão Verde	Escola pública Geral Amor Spin – Ribeirão Preto/SP
Cursinho Popular dos Estudantes da USP	Cursinho Acepusp	USP-SP
Cursinho popular dos Funcionários da USP	Cursinho popular dos Funcionários da USP	USP- RP
Cursinho popular Progressão	Progressão	Paróquia igreja católica - Brodowski



Cursinho popular Rosa dos ventos	Rosa dos ventos	UNESP – Presidente Prudente
Cursinho Pré-Vestibular da FCA	Cursinho Pré-Vestibular da FCA	
Cursinho Pré-Vestibular da UNESP de Dracena	Cursinho Pré-Vestibular da UNESP de Dracena	UNESP-Dracena
Cursinho Pré-vestibular da UNESP de Itapeva	Cursinho Pré-vestibular da UNESP de Itapeva	UNESP-Itapeva
Cursinho Pré-Vestibular da UNESP de Registro	Cursinho Pré-Vestibular da UNESP de Registro	UNESP - Registro
Cursinho Pré-Vestibular Jeannine Aboulafia	CUJA	
Cursinhos populares da prefeitura de Ribeirão Preto	Cursinhos populares da prefeitura de Ribeirão Preto	Escolas municipais de Ribeirão Preto
Fundação Instituto de Administração	Cursinho da FIA	
Futuro Cursinho Alternativo	Futuro Cursinho Alternativo	
Grupo Conexão-CIMEAC (Centro de Investigações e metodologias educacionais alternativas Conexão)	CONEXÃO	OSCIP estação Luz – Ribeirão Preto/SP
Instituto Alternativo de Sapopema	Cursinho Alternativo de Sapopenba	SP
Instituto Práxis de Educação e Cultura	IPRA	Escola pública - Franca
Instituto Práxis de Educação e Cultura	IPRA	Escola pública - Bebedouro
Instituto Práxis de Educação e Cultura	IPRA	Secretaria de Educação – Monte Azul
Instituto Sócio-Cultural Voz Ativa	VOZ ATIVA	
Movimento da Juventude Popular	Cursinho Identidade Popular	
Núcleo de Apoio	NAV	Paróquia Igreja



ao Vestibulando		católica– Ribeirão Preto/SP
Núcleo de Consciência Negra da USP	Cursinho do NCN	USP-SP
Pastoral Santa Fé	Cursinho do Centro Pastoral Santa Fé	
Prefeitura do Município de Piracicaba	Cursinho Prefeitura de Piracicaba	Prefeitura de Piracicaba - Piracicaba/SP
Prefeitura Municipal de Limeira	Cursinho da Prefeitura de Limeira	Prefeitura de Limeira - Limeira/SP
Projeto Educacional Interdisciplinar Comunitário	PEIC	USP -RP
Projeto Herbert de Souza	Cursinho Herbert de Souza	Fórum da RMC
Projeto Neurônio Vestibulares	Projeto Neurônio Vestibulares	Clube de Mães do Brasil
Serviço de Extensão Universitária	SEU	UNESP – Franca/SP
TRIU	TRIU	Fórum da RMC
Unesp	Cursinho: Ação Transformação do Homem – ATHO	
UNESP	Cursinho Pré-Vestibular de Araçatuba	UNESP - Araçatuba
UNESP	Unidade CUCA do Instituto de Química/Faculdade de Ciências Farmacêuticas/Faculdade de Ciências e Letras	UNESP - Araraquara
UNESP	Unidade CUCA Boa Esperança do Sul	UNESP – Boa Esperança do Sul
UNESP	Unidade CUCA Américo Brasiliense	UNESP -Américo Brasiliense
UNESP	Cursinho 1ª Opção -	
Unicamp/Moradia	Cursinho Proceu	Campinas
USP/Faculdade de Educação	Cursinho da FEA	USP-SP
USP/Instituto de Psicologia;	Cursinho da Psico	USP-SP

As aulas são organizadas em quase todos os núcleos de maneira tradicional. O currículo formal está vinculado aos conteúdos presentes nos grandes vestibulares



(principalmente aos manuais da FUVEST, UNESP e UNICAMP) e veiculado por meio de material didático específico (apostilas) ou livros didáticos de ensino médio. Em grande parte adotam apostilas de pré-vestibulares tradicionais, cedidos ou vendido a baixo custo, ou então confeccionado pelos próprios professores. Há ainda aqueles que adotam livros didáticos doados e outros que possuem metodologia em que o livro didático não é o único recurso.

Os núcleos CONEXÃO e PEIC são os únicos dentre os núcleos estudados com maior profundidade neste artigo que propõem metodologia pedagógica alternativa àquela tradicionalmente praticada em cursinhos pré-vestibulares tradicionais. Ambos trabalham com um número reduzido de estudantes (30 e 50 respectivamente) quando comparados com alguns núcleos que chegam a ter 100 alunos por turma. Esses dois núcleos visam à contextualização dos temas de interesse público com a realidade dos trabalhadores que são estudantes desses núcleos, bem como visam à interdisciplinaridade por meio de seus planejamentos e reestruturação curricular.

Após descrever as características gerais dos cursinhos populares participantes do Fórum dos cursinhos populares de Ribeirão Preto e região será descrito com maiores detalhes os grupos Conexão e PEIC. Já que são mais próximos aos autores desse texto e também possuem metodologias educacionais alternativas e que convergem para criação de novas perspectivas e requerem um processo de criação de proposta vinculado às realidades vivenciadas.

Grupo CONEXÃO

O grupo CONEXÃO possui como diretriz uma abordagem temática e transversal dos conteúdos conceituais retirados dos principais vestibulares. Organizam o currículo por meio de 09 temas (arte e cultura, ciência e tecnologia, transporte, energia, saúde, guerra, economia, água e direitos humanos). Aos sábados todos os professores e estudantes reúnem-se para estudar autores que tratam desses grandes temas, o objetivo é discutir o tema sob diversas perspectivas decorrentes da equipe multidisciplinar de professores e



também da contribuição dos próprios aprendizes. Os membros do grupo sugerem leituras de artigos e textos que tratam do tema abordado com o objetivo de fundamentar as discussões a partir da qual é delimitado um “recorte epistemológico” do tema que represente e materialize as características ideológicas do grupo. A partir desse debate e do registro textual dessas discussões o grupo constrói situações-problemas, ou seja, uma problemática a ser colocada a cada dia da semana e que esteja relacionado à discussão central, cada módulo dura em média um mês. Os professores então distribuem conteúdos conceituais de sua área de formação (física, biologia, matemática, química, história etc.) de modo que vários conceitos de áreas distintas façam parte de uma mesma discussão. Após essa fase dividem-se os professores em duplas a cada dia da semana e estes tem o dever de estabelecer um plano de aula compartilhado em que a problemática sugerida possa ser melhorada ou reformulada e os conteúdos conceituais indicados pelo grupo estejam presentes na discussão e resolução do problema pelos estudantes, que por sua vez trabalham em pequenos grupos na resolução, necessitando transitar por algumas áreas do conhecimento distintas nesse processo. Neste caso, o conteúdo conceitual é o meio pelo qual o aprendiz chega a uma conclusão e não um fim em si mesmo e o papel dos professores é extremamente criativo articulando os conteúdos específicos das áreas do conhecimento com as discussões relativas ao tema central (KATO; PANNUTI, 2006). (Fig.1).

CONEXÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA ALTERNATIVA

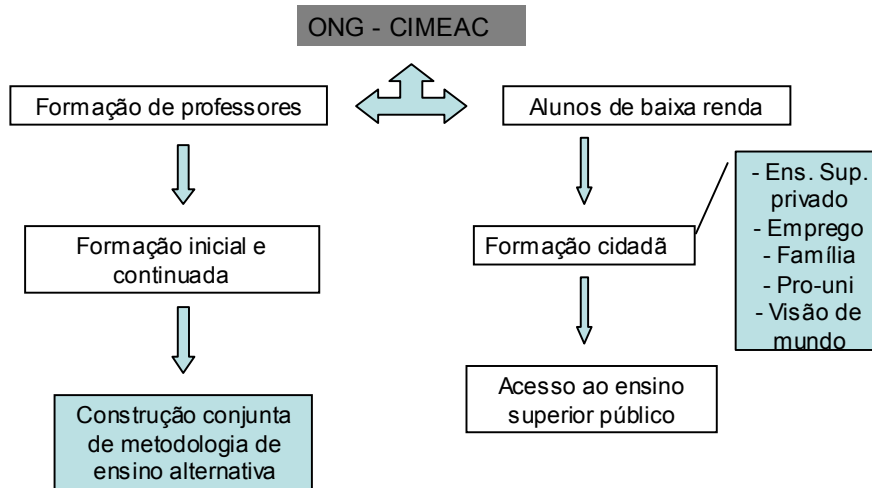


Fig.1 – Estrutura de funcionamento da organização Conexão. Publicado no EPEB (2008).

Ao final de cada semana os estudantes devem relatar o que aprenderam em cada dia da semana de modo que todos (professores e alunos) possam visualizar as discussões e retomar o tema central do módulo. Os relatos são registrados na forma escrita e são utilizados como instrumentos avaliativos pelos professores que comparam os objetivos educacionais estabelecidos no plano de aula e a compreensão materializada nas representações textuais e orais. O período de quatro horas de encontro aos sábados constitui-se como momento essencial à preparação do currículo que é flexível e modificado constantemente, das aulas, da socialização de conhecimentos e avaliação do grupo.

A equipe de professores que compõe o Conexão é constituída por oito pessoas: 2 biólogos, 1 físico médico licenciado, 1 médico licenciado em Letras, 1 físico, 1 químico, 1 matemático, 2 historiadores sendo um deles graduado em filosofia e pedagogia. Seis das nove pessoas já concluí ou está concluindo o mestrado e dois já possuem ou estão concluindo o doutorado. Destes professores quatro tem projetos de pesquisa ligados a área da Educação. O grupo iniciou as atividades no ano de 2003 e desde 2005 mantém o mesmo grupo de professores.



Os estudantes aprovados nos vestibulares retornam como professores do curso Conexão. Assim é o caso da estudante de Enfermagem Eliana Nunes que cursa o 2º ano na USP de Ribeirão Preto juntamente com seu amigo Railton Castro, já no 3º ano do mesmo curso. Os dois membros além de participar regularmente das reuniões de sábado passaram a participar dos planejamentos de aula e ministrar juntamente com os professores.

Eliana é mineira, mais especificamente no norte do estado, proveniente de uma família grande e com muitas dificuldades financeiras. Participou de uma organização do movimento negro em Ribeirão Preto chamada Orunmilá e em 2005 chegou ao Conexão por indicação de alguns professores. Participou como estudante durante cinco ininterruptos anos, em meio aos problemas financeiros da família e de saúde da mãe trabalhava como secretária em um consultório de oftalmologia e estudava a noite. No quinto ano de participação no grupo além de estar como estudante foi convidada para coordenar outro cursinho popular, que funciona na periferia da cidade, um lugar de difícil acesso e por isso com uma carência muito grande de atividades para os jovens. Aceitou o desafio e se deslocava, muitas vezes utilizando mais de um ônibus, para organizar o cursinho e ministrar aulas de química. Em meio a trabalho, família, estudos e coordenação do cursinho do Ribeirão Verde a estudante conseguiu aprovação na USP e hoje é mãe de um bebê que gestou durante o primeiro semestre do curso.

Railton é baiano e chegou a Ribeirão Preto aos 17 anos para morar com a tia e tentar melhores condições de vida. Participou como aluno durante 2 anos do grupo sendo que em um deles recebeu uma bolsa para trabalhar meio período como secretário do curso. “O Conexão foi o segundo lugar em que pisei quando cheguei em São Paulo”, diz ele. Hoje, participa de grupos de pesquisa na área de saúde comunitária, bem como de movimentos populares de saúde preventiva, além de participar ativamente do grupo.

Além de Eliana e Railton há outros exemplos a serem descritos, mas como o objetivo deste artigo é apresentar o processo de estruturação e formação das pessoas envolvidas foi escolhida esses dois membros. Em outros trabalhos descreveremos outras histórias.



PEIC

O PEIC (Projeto Educacional Interdisciplinar Comunitário) foi fundado em 2003 por um grupo de estudantes de graduação do curso de Ciências Biológicas da FFCLRP – USP (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto). O objetivo inicial era promover a inclusão social a partir de um projeto educacional comunitário que buscasse a integração das grandes áreas do conhecimento. A motivação inicial, portanto era propor um ensino interdisciplinar aos cidadãos de baixa renda egressos do ensino médio de escolas públicas.

O grupo iniciou as atividades com 10 voluntários no primeiro ano e contou com o apoio de outro cursinho popular da cidade, o CAPE (Centro de Apoio Popular Estudantil) para a formação de sua primeira turma. Sabendo que o processo seletivo do CAPE contava com critérios socioeconômicos e conhecimentos prévios do ensino médio, a liderança do PEIC firmou uma parceria de forma que os alunos excedentes inscritos no CAPE seriam aceitos no programa de acordo com a ordem de classificação.

O apoio da direção da faculdade e de um docente da área de licenciatura do departamento de Biologia promoveu a ampliação da participação dos estudantes e o número de voluntário dobrou. Segundo Carvalho (2008) o curso chegou a possuir um professor para cada aluno, o que fez com que as lideranças criassem uma posição denominada “monitor assessor” cuja função era de auxiliar alunos e professores antes, durante e depois das aulas.

No âmbito pedagógico a proposta era integrar os conteúdos pedidos nos vestibulares em três grandes áreas do conhecimento: 1. Ciências Humanas; 2. Ciências Naturais; 3. “Ferramentas” em que concentravam Línguas (português e inglês) e Matemática. Esse último núcleo de conhecimento era considerado pelos idealizadores da proposta como um ferramental necessário a compreensão das outras duas áreas (CARVALHO, 2008). Contudo, na prática o grupo não conseguiu executar a proposta e em seus primeiros anos acabou organizando seu currículo da mesma forma que os cursinhos pré-vestibulares tradicionais.



Em 2008 ocorrem reuniões entre membro do grupo Conexão e membros do PEIC. Os encontros ocorriam na Universidade no horário de almoço e tinha como objetivo a troca de experiências pedagógicas entre dos dois núcleos. A identificação da perspectiva interdisciplinar e o luta contra a fragmentação do conhecimento são evidenciadas ao longo dos encontros. Os grupos passam a produzir juntos alguns eventos, como por exemplo, a semana de Arte e Cultura, em que os estudantes dos dois cursinhos se unem e são divididos em equipes para vivenciar situações envolvendo várias áreas do conhecimento por meio da arte e da cultura.

Nos anos de 2009 e 2010 o grupo do PEIC, em suas reuniões semanais que ocorriam no horário de almoço dos estudantes de graduação que eram professores, chegaram finalmente a uma proposta pedagógica mais próxima das idéias iniciais. Segundo um dos professores, Estevan Eltink estudante de pós graduação da FFCLRP, prolongaram o curso para dois anos e dividiram o currículo em grandes núcleos de conhecimentos que chama de “frentes de ensino”, a saber: 1. Filosóficas – incluem as áreas de Ciências Biológicas, Geografia, História e Química; 2. Línguas – inclui gramática, literatura e inglês; 3. Exatas – composta por matemática, física e parte da química. As aulas ocorrem de segunda a sexta feira das 19h10 às 22h30, cada aula tem duração de uma hora e meia, sendo duas aulas por dia. Quatro dias da semana possuem aulas específicas de cada frente de ensino e um desses dias fica restrito a resolução de exercícios de vestibulares o período é organizado em uma hora por frente de ensino

Segundo o mesmo professor há em média cinco professores por frente de ensino, alguns deles são monitores, geralmente os calouros, e outros são responsáveis pela preparação das aulas e material didático que é próprio. Inicialmente reúnem-se para elaborar o cronograma de ações e conteúdos da frente em questão e dividem trabalho. O professor que escreve o material de uma determinada aula é o que vai liderar a aplicação da mesma, ficando o outro professor em uma função de apoio e complementação das atividades. Há um revezamento da liderança das aulas e a preparação das aulas é compartilhada de forma a buscar a integração dos conteúdos. O professor supracitado relata como exemplo uma aula sobre a obra “Os Sertões” em que além dos aspectos literários



foram abordadas algumas normas gramaticais no texto, bem como aspectos ambientais do bioma em questão.

Outro aspecto importante é a formação desses estudantes, pois, a partir de 2009 grande parte dos professores, provenientes do curso de medicina, fundaram seu próprio cursinho. O PEIC desde então é composto em sua maior parte por biólogos que atuam nas mais diversas áreas do conhecimento. Esse fato de trabalhar em pequenos grupos, fazendo uma transposição didática dos conteúdos em contextos de interesse sócio-ambientais aproxima o PEIC do grupo CONEXÃO convergindo para um esforço desses pares em estudar e criar práticas educativas condizentes à realidade do educando.

Considerações finais

O presente texto apresentou o cenário político, econômico e social do surgimento dos cursinhos populares ou comunitários. O intuito foi identificar o papel desses grupos como dispositivo de acesso a espaços de transformação social, observadas nas mudanças de perspectivas de vida por parte de seus membros (professores, alunos e familiares). As regularidades do acesso ao ensino superior não pode ser superado pela atuação desses grupos sociais. Contudo, a formação de grupos independentes constituindo esforços coletivos de ação e criação de novas formas de engajar-se ao ato de conhecer constituem um fenômeno relevante as mudanças educacionais necessárias.

Superando a idéia conteudista, de acúmulo de informações, busca-se nesses núcleos amenizar desigualdades principalmente por meio da ampliação do capital cultural e social e assim subverter algumas das amarras impostas pela primazia do capital econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L.; SAINT-MARTIN, M. As estratégias de reconversão: as classes sociais e o sistema de ensino. In: DURAND, J. C. (Org.). **Educação e hegemonia de classe**. Tradução Maria Alice Machado de Gouveia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



BOURDIEU, P. **Sistemas de ensino e sistemas de pensamento**. In: BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, P. Da Regra às estratégias. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.77-95.

BOURDIEU, P. **O capital social – notas provisórias**. In: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 65-69.

CARVALHO, S. “PEIC: de um ponto de mutação à diversidade cultural”. **Fecunda**, Ribeirão Preto, v. 01, ano 01, 2008.

KATO, D.S. PANNUTI, M. I. R. Curso conexão: uma experiência pedagógica alternativa em espaço não-formal de ensino. In: **Encontro de Perspectivas do Ensino de Biologia**, Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, 2006.

